

A criação de *Numa clara manhã de abril*, de Marcos Iolovitch, no contexto histórico¹

The Creation of *On a clear April morning*, by Marcos Iolovitch, in historical context

MERRIE D. BLOCKER

Graduada em História e Cultura dos Estados Unidos, pelo *Reed College*, e Mestre em Administração de Museus, pela *Syracuse University*, nos Estados Unidos. Funcionária aposentada do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, no qual atuou na área de Cultura e Imprensa (*Public Affairs Officer*).

Traduzido por Luciano Ariel Gomes, Membro da Diretoria da Sociedade Israelita da Bahia, Brasil.

RESUMO Este artigo procura inserir no contexto histórico o primeiro trabalho literário a usar a comunidade judaica brasileira como tema principal, o romance autobiográfico *Numa clara manhã de abril*, de Marcos Iolovitch, originalmente publicado em 1940. Iolovitch foi um imigrante que veio da Rússia no início do século XX para uma comunidade agrícola estabelecida pela *Jewish Colonization Association* (JCA ou ICA) na região sul do Brasil. Pretendemos discutir as condições sociais, culturais e econômicas tanto na Rússia quanto no Brasil, assim como as ações governamentais destes países durante o período 1801-1930, que contribuíram para a escrita deste romance e formaram o pano de fundo para os eventos e as ideias discutidas pelo autor. Nossa discussão inclui o estabelecimento de comunidades agrícolas judaicas na Rússia e o papel dos menonitas em sua administração, os esforços do Barão Maurice Hirsch e da ICA para estabelecer comunidades agrícolas para imigrantes russos, os motivos comerciais da ICA no Brasil, o efeito de convulsões políticas e econômicas no Brasil sobre os imigrantes judeus e o incentivo oferecido a escritores pela rica vida intelectual em Porto Alegre, a capital do estado do extremo sul do Brasil. Além das fontes secundárias, fundamentamos nossa discussão com memórias originais de menonitas e com relatórios e documentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América das primeiras décadas do século XX.

PALAVRAS-CHAVE Marcos Iolovitch; escritores judeu-brasileiros; Associação de Colonização Judaica (*Jewish Colonization Association*); imigração brasileira; políticas judaicas da Rússia; comunidades agrícolas judaicas.

ABSTRACT This article seeks to place in historical context the first literary work to use the Brazilian Jewish community as subject matter, the autobiographical novel, *On a Clear April Morning*, by Marcos Iolovitch, originally published in 1940. Iolovitch was an early 20th century immigrant to the farming communities set up by the *Jewish Colonization Association* (JCA) in the south of Brazil. We propose to discuss social, cultural, and economic conditions in both Russia and Brazil, as well as governmental actions in both countries during the period 1801-1930 that led to the writing of this novel and formed the background for the events and ideas discussed by the author. Our discussion will include the establishment of Jewish farming communities in Russia and the role of Mennonites in their administration, the efforts by Baron Maurice Hirsch and the JCA to establish farming communities for Russian immigrants, the commercial motives of the JCA in Brazil, the effect of political and economic upheavals in Brazil on Jewish immigrants and the support offered to writers by the rich intellectual life in Porto Alegre, Brazil's southernmost state capital. In addition to secondary sources, we will support our discussion with published interviews with Marcos Iolovitch, original Mennonite memoirs and early 20th Century U.S. Department of State reports and documents.

KEYWORDS Marcos Iolovitch; Jewish-Brazilian writers; *Jewish Colonization Association*; Brazilian immigration; Russia's Jewish policies; Jewish farming.

QUANDO FOLHETOS COLORIDOS OFERECENDO A OPORTUNIDADE DE CONSTRUIR A vida desenvolvendo a agricultura no Brasil chegaram a Zagradovka no início do século XX, o pai de Marcos Iolovitch, Yossef, era um pequeno comerciante numa pequena vila ucraniana a cento e setenta milhas ao nordeste de Odessa, na província sulista ucraniana de Kherson. A vida de Yossef “ia deslizando, sempre dentro do mesmo ritmo, sem sobressaltos, placidamente”. (IOLOVITCH, 1987, p. 10)

Na província de Kherson os judeus figuravam entre os mais ricos e mais estáveis no *Pale of Settlement* (a área na Rússia Ocidental em que os judeus tinham permissão para residir). Eles seguiam poucas tradições judaicas e desfrutavam de níveis bem mais altos de instrução se comparados aos judeus das províncias vizinhas. Já em 1897, 45,1% dos homens judeus e 24,6% das mulheres judias residentes na província sabiam ler o russo (SLUTSKY, 2007, pp. 114-115). No entanto, Yossef Iolovitch sonhava em poder emigrar para o Brasil, para a colônia agrícola de Quatro Irmãos, com vistas a tornar-se um lavrador e transmitir a seus filhos a harmonia pacífica da vida agrícola.² (IOLOVITCH, 1987, p. 11)

Os sonhos de transformar judeus negociantes em agricultores não eram novidade. Os esforços remontam ao início do século dezanove e apresentam alguns colaboradores estranhos, incluindo Czares, magnatas judeus das estradas de ferro e até menonitas. Assim como Thomas Jefferson, muitos pensadores do final do século XVIII e início do século XIX acreditavam que “os cultivadores da terra são os cidadãos mais valorosos..., os mais vigorosos... [e] os mais virtuosos...” (JEFFERSON, 1785). O czar russo Alexandre I estava de acordo.

Ao ascender ao trono em 1801, o Czar Alexandre I viu-se diante de um duplo dilema. Primeiro, como ele poderia povoar as estepes desoladas do sul ucraniano, tomadas dos otomanos e que a Rússia acabara de anexar, após as guerras russo-turcas? (ENCYCLOPEDIA BRITANNICAa) Além disso, como ele poderia integrar os cerca de um milhão de judeus recém-chegados aos territórios sob o domínio russo através dos atos de partilha que dividiram as terras da comunidade polonesa-lituana entre a Prússia, a Áustria e a Rússia? (BIDELEUX, 1998, p. 155; ENCYCLOPAEDIA BRITANNICAb).

O Czar Alexandre acreditava que a agricultura gerava cidadãos-modelo, que as nações ricas de-

pendiam dela (DEKEL-CHEN, 2010) e que os agricultores judeus seriam menos “parasitas” (TAPUACH, 2007, p. 407). Então, ele passou uma lei, em 1804, permitindo que os judeus comprassem terras e, assim, assentou dezenas de milhares desses judeus em 38 colônias agrícolas nas províncias sulistas ucranianas de Kherson e Yekaterinoslav (TAPUACH, 2007, p. 407; KLIER, 1995, pp. 301-302). Quando as safras não atingiram o montante esperado, o governo russo alistou agricultores menonitas no “movimento para converter judeus em agricultores”. O governo pagava aos menonitas para que vivessem como “agricultores-modelo” nas colônias agrícolas judaicas e para ensinar em suas escolas (EPP, 2013, pp. 75-130). Em 1900, apesar de nem sempre serem bem-sucedidos, cerca de 42.000 judeus (TAPUACH, 2007, p.407) viviam nessas comunidades e aqueles que viviam em “vinte e duas colônias tinham atingido padrões de vida iguais ou melhores do que aqueles dos vizinhos não judeus”. (DEKEL-CHEN, 2010)

Menonitas alemães vinham se estabelecendo na Ucrânia desde o século XVIII, quando sua compatriota, a Czarina Catarina a Grande, ofereceu-lhes a liberdade religiosa e incentivos financeiros. Em 1911, 104.000 menonitas estavam cultivando em suas próprias terras no sul da Ucrânia (MARUCH, 1993). Zaradrowka, a vila de Yossef, era rodeada por dezesseis colônias agrícolas menonitas que compreendiam 60.000 acres – ou 24.281 hectares (ENS, 1989, p. 5; LORENZ, 1959 pp. 2-7).

Essas fazendas menonitas e as colônias agrícolas judaicas que estavam localizadas a apenas seis milhas da cidade de Krivoy Rog, a qual Yossef visitava regularmente para adquirir suas mercadorias, seguramente aguçaram sua paixão pela agricultura. Assim como Jefferson, ele passou a acreditar que a atividade agrícola era “a mais limpa e a mais honrosa das profissões” (IOLOVITCH, 1987, pp. 10-11).

No entanto, Yossef sabia que ele jamais seria um fazendeiro na Rússia. As leis russas haviam mudado, e os judeus não podiam mais comprar terras (DUBNOW, 1920, pp. 24-25). Algumas restrições para a aquisição de terra foram estabelecidas nos anos 1860, mas em 1882, em seguida ao assassinato do liberal e libertador dos vassallos, Alexandre II, um crime geralmente atribuído aos judeus, o governo russo aprovou leis que limitariam drasticamente os direitos dos judeus de comprar terras. Elas também afetaram severamente suas atividades econômicas e oportunidades educacionais (ROSENTHAL, 1906). Portanto, Yossef deve ter sentido que seus sonhos haviam se realizado quando brochuras de recrutamento para emigração chegaram a Zagradowka naquela clara manhã de abril, com as descrições coloridas dos campos de trigo do sul do Brasil, que espelhavam os grãos que o rodeavam na província de Kherson.

Outro ator poderoso no ‘processo de transformar o judeu exilado em um cidadão produtivo através do trabalho agrícola’ possibilitaria a realização do sonho de Yossef. Esse benfeitor foi o Barão Maurice de Hirsch, um financista belga nascido na Alemanha, que fez a maior parte de sua fortuna construindo a ferrovia Viena-Constantinopla (HIRSCH, 1891, p. 3).

Após a aprovação das leis restritivas nos anos 1880, a situação socioeconômica dos judeus russos deteriorou-se rapidamente (NORMAN, 1985, p. 14). Muitos judeus abastados da Europa Ocidental ficaram profundamente preocupados. O Barão Hirsch foi o mais ativo entre eles.

O Barão acreditava que a solução para os problemas enfrentados pelos judeus russos estava na agricultura. Ele “tinha um sentimento quase compulsivo de que os judeus deveriam tornar-se agricultores e que a agricultura era o caminho para sair da miséria” (NORMAN, 1985, p. XVI). Hirsch

não via razão para que judeus russos e outros judeus do leste europeu não pudessem se tornar agricultores. O sucesso relativo das colônias agrícolas judaicas na Ucrânia não havia superado aquilo que Hirsch chamou de “reprovação típica” de que os judeus não tinham vocação para a agricultura. Ele então pediu aos céticos que olhassem para a história. Ele os fez lembrar de que na época de Cristo os judeus eram agricultores, enquanto o comércio era praticado por “fenícios, gregos e [outros] povos mediterrâneos” (HIRSCH, 1891, p. 3).

A princípio, o Barão Hirsch esperava concretizar essa transformação dentro da própria Rússia. Ele ofereceu ao governo russo 50 milhões de francos (aproximadamente 245 milhões de dólares americanos em valores atualizados) para proporcionar a educação de judeus através do “estabelecimento de escolas elementares e agrícolas”. Porém, apesar de gastar o equivalente a cinco milhões de dólares americanos em suborno, as negociações do Barão junto ao governo russo não obtiveram sucesso, o que acabou por “convencê-lo de que a emigração era a única solução para os judeus russos” (NORMAN, 1985, p.16).

Nessa mesma época, em 1889, o Barão Hirsch por acaso tomou conhecimento de que 500 imigrantes judeus russos estavam sobrevivendo apenas com biscoitos tipo “crackers” e habitando em vagões de trem na região rural da Argentina. A terra que lhes havia sido prometida antes da emigração não estava disponível quando eles chegaram (ROZENBLUM, 2006, p. 216). O Barão interveio e conseguiu estabelecê-los como agricultores. Ao ver a concretização de seu sonho para os judeus russos, Hirsch sentiu-se inspirado a alocar recursos significativos com o intuito de estabelecer mais judeus empobrecidos no Novo Mundo. Em palavras de Hirsch: “decidi arriscar minha riqueza e capacidade intelectual (...) para proporcionar a uma

parte de meus correligionários a possibilidade de encontrar uma nova forma de sobrevivência, primeiramente como agricultores e também como artesãos, naquelas terras em que as leis e a tolerância religiosa lhes permitam continuar sua luta pela sobrevivência.” (HIRSCH, 1891, p. 2)

Em 1891, como um memorial para seu único filho, recentemente falecido, o Barão Hirsch formou a *Jewish Colonization Association* (Agência de Colonização Judaica) o capital de giro de dois milhões de libras esterlinas (equivalentes a duzentos e cinquenta milhões de dólares em valores atuais) “para auxiliar e promover a emigração de judeus de qualquer parte da Europa e da Ásia... e formar e estabelecer colônias em várias partes das Américas do Norte e do Sul...” (NORMAN, 1985, pp. 19-20). A diretoria da ICA era composta pelo Lorde Rothschild e muitos dos “grandes duques das comunidades judaicas britânica e francesa” (NORMAN, 1985, p. XI), mas o Barão Hirsch contribuiu com noventa e nove por cento do financiamento.³ (NORMAN, 1985, p. 19)

Inicialmente a ICA focou em estabelecer judeus na Argentina escassamente povoada com suas vastas planícies férteis de baixo custo. Em 1906 já havia perto de 7.000 colonos agricultores nas colônias argentinas mantidas pela ICA (ROSENTHAL, M., 1906).

A ICA e sua organização irmã, a *Baron Hirsch Fund*, também levaram adiante planos de assentamento no Canadá e nos Estados Unidos. Durante a pesquisa desenvolvida para elaborar este texto, um velho amigo comentou que a fazenda de galinhas que eu visitava em Connecticut todo verão, quando eu era criança, havia começado como um projeto do Barão Hirsch (FRIEDMAN, 2014). Como a família de Marcos em Zagradowka, que se beneficiou da prosperidade do cavalheiro com quem sua avó casou-se em segundas núpcias

três anos após o falecimento do seu primeiro marido (IOLOVITCH, 1987, p. 9), minhas excursões na infância se deveram ao cavalheiro com quem minha avó havia contraído segundas núpcias três anos após a morte de seu primeiro marido. A fazenda de exploração avícola fora seu lar de infância, parte do projeto do Barão Hirsch em Colchester, Connecticut. Os colonos de Colchester, assim como os da Argentina, obtiveram sucesso. Em Colchester, os colonos se especializaram em produtos facilmente comerciáveis, como galinhas, ovos e leite, que eles podiam vender para as áreas metropolitanas próximas. Eles também ofereciam hospedagem barata do tipo *Bed & Breakfast casher*⁴ para o retiro de residentes do *Lower East Side* de Nova Iorque e outras vizinhanças urbanas de imigrantes judeus.⁵

Em 1896 o Barão Hirsch faleceu, deixando sete milhões de libras esterlinas (equivalentes a 1.12 bilhões de dólares americanos em valores atuais) para a ICA (LESSER, 1991, p. 24). Uma diretoria recém-eleita votou a favor do uso dessa herança para expandir as atividades de colonização da ICA para o Brasil (GRITTI, 1997, p. 19), onde a ICA adquiriu terras em 1902 (Norman, 1985, p. 90). Porém, no Brasil, alcançar sucesso se revelaria mais difícil.

Em outubro 1904 os primeiros *habitantes* chegaram a Philippon, a colônia original da ICA no Brasil, terra natal da mulher de Marcos Iolovitch (COSTA, 2004, p. 1). A ICA não tinha ainda construído as casas que havia prometido, então, as trinta e sete famílias foram abrigadas em barracas. Só depois de vários meses os colonos receberam as terras que lhes haviam sido atribuídas e, quando isso aconteceu, eles descobriram que não eram boas para o cultivo.

Diferentemente das colônias argentinas nos pampas planos, Philippon ficava localizada numa região montanhosa que era mais apropriada para

pasto do que para o cultivo agrícola. Porém, mesmo com dificuldade, a terra podia ser cultivada, se houvesse o conhecimento de como fazê-lo. A grande maioria desses colonos, no entanto, não tinha experiência como agricultores. E aí vieram as secas, os gafanhotos e até a febre tifoide (COSTA, 2004, p. 1; LESSER, 1989, pp. 27-57).

Deve ter parecido inútil, como veio a confirmar o estudante francês Pierre Denis, que visitou tanto Philippon quanto as colônias da ICA na Argentina em 1910. Denis, que posteriormente se tornaria Ministro das Finanças de DeGaulle durante a II Guerra Mundial (OULMONT, 2012, p. 272), escreveu: “o sucesso desse empreendimento [Philippon] não tem sido significativo e (...) provavelmente se manterá como um experimento isolado. Na Argentina, as colônias judaicas multiplicaram-se e são numerosas e os judeus compõem um importante elemento da população agrícola, mas não há porque acreditar que eles virão a ocupar uma posição semelhante no Rio Grande.” (DENIS, 1911, p. 296)

Não há dúvida de que a ICA adotou medidas para melhorar as condições dos colonos judeus em Philippon. Em 1908, os funcionários da ICA estabeleceram uma fábrica de laticínios como fonte adicional de renda, e, para lidar com as necessidades educativas das crianças, um professor francês foi enviado a Lisboa para aprender português antes de vir para Philippon. No entanto, essas melhorias chegaram tarde demais.

Os colonos descobriram que havia centros urbanos no Rio Grande do Sul, onde a vida era mais fácil, tanto escolas primárias quanto secundárias estavam disponíveis, e o sustento podia vir do comércio. Em 1909, a maior parte deles já havia saído de Philippon (LESSER, 1991, p. 47), tendo a maioria se estabelecido em Santa Maria, a uma distância de apenas 15,8 quilôme-

tros, ou em Porto Alegre, a quase 300 quilômetros de distância. Naquele mesmo ano, foi realizado o primeiro *minian*⁶ na história de Porto Alegre (BACK, 1956, vol. 4, p. 324).

Dado este insucesso, a ICA retirou-se para a Argentina? Não. Pelo contrário, em 1909, a ICA comprou terras para uma colônia brasileira muito maior um pouco mais ao norte no mesmo estado, Rio Grande do Sul. Enquanto Philippon foi construída numa porção de terra de 57 km², a nova colônia, Quatro Irmãos, em que a família de Marcos Iolovitch viria a se estabelecer, tinha aproximadamente 942 km². Por que, então, essa expansão maciça após o desempenho sem brilho de Philippon? Seria possível que converter aqueles judeus russos em agricultores bem-sucedidos não fosse o objetivo principal dessas colônias brasileiras?

Baron Hirsch não era o único belga a fazer fortuna nas ferrovias. No final do século XIX e início do século XX, a comunidade financeira belga estava financiando o desenvolvimento e a expansão das ferrovias em todo o mundo (DIAS, 1986, pp. 99-103). A colônia Philippon recebeu este nome em honra a Franz Philippon, um banqueiro belga que era também presidente da comunidade judaica de Bruxelas, que havia construído ferrovias no Congo belga e foi o presidente e proprietário da *Compaigne Auxiliaire de Chemins du Fer au Brésil*.

Em 1898, a *Compaigne Auxiliaire* adquiriu um contrato importante para construir e manter ferrovias no Rio Grande do Sul e abriu um escritório em Santa Maria, a apenas 15 quilômetros do local onde seria a futura colônia Philippon (HEUFFEL, 2012, p. 124). Em 1902, a *Compaigne Auxiliaire* administrava a maioria das ferrovias no Estado (LESSER, 1991, p.29) e, em 1905, já administrava todas elas e havia assegurado o contrato para completar a rede de estrada de ferro (GRITTI,

1997, p. 39). Quatro Irmãos viria a ser localizada a apenas 19 quilômetros da principal linha ferroviária. Essa linha, mais tarde, ligaria o Rio de Janeiro e São Paulo a Montevideú, no Uruguai.

Esses interesses empresariais foram fatores-chave na decisão da diretoria da ICA de expandir-se ao Brasil e abrir uma segunda colônia mesmo diante do fracasso da primeira. Essa nova diretoria não era tão apaixonada quanto o Barão Hirsch em seu desejo de auxiliar os imigrantes (GRITTI, 1997, p. 19); porém, ela viu no Rio Grande a confluência entre interesses empresariais e beneficentes (LESSER, 1989, p. 25). Ficando dentro dos regulamentos que exigiam que a ICA “auxiliasse e promovesse a emigração judaica” (ROZENBLUM, 2006, p. 254), a diretoria deu-se conta de que eles podiam usar os fundos da ICA para abrir colônias agrícolas para imigrantes perto das linhas ferroviárias brasileiras. Essas colônias satisfariam a estipulação de todos os contratos com o governo de “obrigar todas as empresas estrangeiras de construção de ferrovias, dentro do contrato de 15 anos [de sua vigência], a se estabelecerem ao longo das ferrovias, nas quais elas instalariam mil agricultores nativos ou imigrantes” (ALLEGRE, 1998, p. 64). Além disso, estabelecer imigrantes resultaria no acesso da *Compaigne Auxiliaire* aos incentivos financeiros que o governo federal brasileiro estava oferecendo às companhias ferroviárias para estabelecerem imigrantes estrangeiros: “200 mil dólares para cada casa construída...; 100 mil dólares [por família] quando a família tivesse sido estabelecida no período de seis meses; 200 mil dólares [por família] quando... estabelecida no período de um ano...; 5.000 dólares para cada grupo de 50 lotes rurais ocupados por famílias...”. (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1910, pp. 95-107)

Ademais, a diretoria da ICA viu na comercialização de madeira um dos mais importantes ob-

jetivos das colônias (GRITTI, 1997, pp. 47, 63). As linhas ferroviárias estavam sendo construídas através de vastas florestas de pinho e cedro que podiam gerar lucros substanciais, uma vez que a madeira para móveis e pisos estava em alta demanda na vizinha Argentina (CUNHA, 1908, p. 11). De fato, os colonos estavam proibidos de desflorestar seu lote sem a autorização da ICA.

Quatro Irmãos tinham 50.000 hectares de floresta (CARNEIRO, 2003, p.24) e, num contexto comercial, a expansão para essa nova colônia fazia sentido. Isso também explica por que a ICA não providenciou consultores agrícolas competentes para dar orientações aos agricultores.

Em Philippon, os imigrantes tinham pelo menos as barracas para morar. Iolovitch relata como, quando sua família chegou a Quatro Irmãos, em 1913, não havia sequer barracas disponíveis. Sua família foi abrigada nas propriedades de imigrantes anteriores até que as barracas dos novos imigrantes fossem construídas. Sua família precisou esperar por meses até que sua propriedade fosse designada (IOLOVITCH, 1987, pp. 19-20). Na verdade, no momento em que a família de Iolovitch chegava a Quatro Irmãos, os administradores da colônia estavam pedindo à ICA em Paris que interrompesse ou pelo menos diminuísse as novas imigrações, uma vez que a Colônia não podia comportar mais ninguém. (GRITTI, 1997, p. 43)

Mas, mesmo em sua própria propriedade, Yossef e seus filhos nunca conseguiram se tornar agricultores de sucesso. Sua estadia de três anos em Quatro Irmãos foi um período de sofrimento, de acidentes horríveis (às vezes fatais) e, finalmente, de fome. Como Iolovitch relata, “não sabíamos como amansar o gado que nos coube, nem como tratar a terra” (IOLOVITCH, 1987, p. 22). É claro que não sabiam e, mais uma vez, não havia quem os ajudasse. O cavalheiro enviado para administrar Quatro

Irmãos, o Sr. Rosenberg, não tinha qualquer conhecimento sobre agricultura, um fato que foi prontamente admitido em uma correspondência da ICA. (GRITTI, 1997, p. 41) E, por muitos anos, não havia agrônomo em Quatro Irmãos, havia apenas o Sr. Tisserand, o conselheiro agrícola no escritório da ICA em Paris, a quem as perguntas poderiam ser enviadas. É provável que, quando as respostas chegassem, o tempo do plantio já tivesse passado. De qualquer forma, o Sr. Tisserand achava que o solo de Quatro Irmãos servia apenas para o cultivo de mandioca e amendoim (GRITTI, 1997, pp. 54-55), não para os dourados grãos de trigo prometidos nos folhetos de recrutamento da ICA que tanto haviam animado o pai de Iolovitch em sua Zagradowska.

Em 1915, três anos depois da fundação de Quatro Irmãos, apenas um terço dos colonos originais permaneciam (LESSER, 1996, pp. 145-148). Os outros haviam se mudado para as cidades. Em 1916, a família de Iolovitch pegou a mesma estrada e foi para Porto Alegre. Iolovitch escreve que ele não fazia ideia de como ou de onde “papai conseguiu o dinheiro para a viagem” (IOLOVITCH, 1987, p. 27). Poderia ter sido com a ajuda dos próprios administradores. Em resposta aos relatos de problemas sérios em Quatro Irmãos, a ICA de Paris sugeriu, como uma solução, ajudar os imigrantes para que pudessem deixar as colônias e procurar trabalho nas cidades (GRITTI, 1997, p. 46). Mas, antes de poder deixar a Colônia, a fome forçou o pai de Iolovitch e seus irmãos mais velhos a trabalhar como diaristas na construção de uma ferrovia. E isso era exatamente o que o que os administradores de Quatro Irmãos queriam, pois era necessário construir um ramal ferroviário para transportar a madeira, e a ICA, em Paris, traçara diretrizes para que os colonos o construíssem. (GRITTI, 1997, p.47)

Quando a família de Iolovitch finalmente chegou a Porto Alegre em 1916, eles encontraram uma

cidade moderna, de 150.000 habitantes (IBGE, 2010, Tabela 1.6), com bondes elétricos, teatro, cafés e cinemas. Belas praças com teatros elegantes e prédios governamentais embelezavam a cidade. A educação e o progresso eram as prioridades do município. Porto Alegre gabava-se de suas faculdades de Medicina, Engenharia e Direito, além de uma importante biblioteca pública. Usinas elétricas capacitavam grandes fábricas de produção metalúrgica e de papel. Era uma cidade cujo nível de atividade política, econômica e intelectual estava muito além de seu tamanho, uma cidade extensivamente povoada por imigrantes europeus ou seus descendentes.⁷

A imigração europeia para o estado do Rio Grande do Sul, na fronteira sulista do Brasil, a cerca de 1.100 quilômetros da capital do País, o Rio de Janeiro, começou em 1742, quando Porto Alegre, a capital do Estado, foi fundada por sessenta casais portugueses vindos dos Açores. Muitos mais os seguiram. Em 1775, os açorianos compunham mais de 55% da população do Rio Grande do Sul (COSTA, 2005, p. 3-2.7).

Os açorianos desembarcaram em um território um pouco maior do que os estados de Nova York e Pensilvânia combinados. Quando chegaram, a província era habitada por apenas 5.000 almas, principalmente agricultores, gaúchos ou vaqueiros e bandeirantes ou bandidos que estavam interessados em encontrar ouro e escravizar os poucos habitantes indígenas remanescentes.

As terras que compõem o Rio Grande foram entregues à Espanha em 1506 sob a Linha de Demarcação Papal que dividiu o mundo entre Espanha e Portugal (FISHER, 1997, p. 89). Os espanhóis nunca estiveram muito interessados nesse território. Foram principalmente os jesuítas e suas missões que povoaram o Rio Grande até o final do século XVII, numa área não muito longe da localização das colônias da ICA no século XX.

Os jesuítas introduziram gado na década de 1620 (SLATTA, 1994, p.160). A criação de gado prosperou e tornou-se a base da principal atividade econômica do território e ainda hoje produz 10% das exportações do Estado (FEE, 2015, Tabela 17). Os americanos e os europeus que gostam dos rodízios de churrasco com seus espetos rotativos de carne sobre sua mesa devem a estes jesuítas um sonoro obrigado. Esta tradição de rodízio vem diretamente do Rio Grande do Sul.

Em 1676, o Vaticano tomou o partido dos portugueses, atribuindo o Rio Grande do Sul à Diocese do Rio de Janeiro (COSTA, 2015, p. 49). Os portugueses agarraram a oportunidade e começaram os assentamentos. Os espanhóis não ficaram satisfeitos e muitas pequenas guerras resultaram disso. Mas os portugueses finalmente ganharam o controle do Rio Grande do Sul e enviaram os açorianos ao Rio Grande para formar assentamentos portugueses permanentes para que os espanhóis nunca mais voltassem.

Na década de 1820, a monarquia brasileira, agora independente, ainda preocupada com as incursões espanholas no Sul do Brasil e percebendo a chance de atrair os veteranos desempregados das Guerras Napoleônicas, ofereceu subsídios aos “esforçados trabalhadores” alemães para se instalarem como agricultores no Rio Grande do Sul (CARVALHO FILHO, 2010, pp. 6-7). Na década de 1830, os subsídios cessaram e a imigração foi interrompida por uma guerra de dez anos, um esforço para tornar o Rio Grande do Sul independente do Brasil. A tentativa falhou, embora o herói italiano Giuseppe Garibaldi tivesse liderado muitos dos combatentes locais, mas os gaúchos nunca desistiram de seu desejo pelo controle político, como veremos (SCHEINA, 2003, p. 153).

Após a Guerra, o governo central no Rio de Janeiro decidiu que os estados deveriam lidar com

a imigração. Os líderes dos ricos criadores de gado gaúchos, acreditando que os “plebeus” nascidos no Brasil eram muito preguiçosos para limpar a terra e desenvolver estabelecimentos agropecuários bem-sucedidos, responderam oferecendo subsídios a imigrantes alemães e depois aos italianos, embora o apoio oficial a essa assistência muitas vezes tivesse vacilado ao longo do século XIX (KITTELSON, 2006, pp. 48-73). Talvez essa seja uma das razões pelas quais as empresas de ferrovias estrangeiras acabaram com a responsabilidade por esse suporte.

Os brasileiros também perceberam que a liberdade religiosa era importante para atrair e manter os imigrantes. Assim, em 1881, o governo brasileiro concedeu direitos de voto a não católicos. A plena liberdade religiosa, que cumpriu a estipulação do Barão Hirsch de que a JCA estabelecesse imigrantes apenas em “terras em que as leis e a tolerância religiosa lhes permitissem continuar a luta pela existência” (HIRSCH, 1891, p. 2), veio uma década depois. No ano 1891, esta garantia foi incluída tanto na constituição federal quanto na constituição estadual do Rio Grande do Sul.

Embora não fossem tão generosas quanto poderiam ter sido, as políticas pró-imigrantes do Rio Grande do Sul funcionaram. Em 1933, quando Iolovitch tinha 27 anos, de uma população total de 2,7 milhões, havia 500 mil pessoas de ascendência alemã no estado e 300 mil de descendentes de italianos, juntamente com muitos poloneses, judeus e libaneses (CASTLEMAN, 1933, p. 2). E uma vez que as emoções antigermânicas do período da Primeira Guerra Mundial diminuíram, os imigrantes formaram uma sociedade de respeito mútuo. Na década de 1930, o aniversário do primeiro desembarque dos alemães no Rio Grande em 1824 foi celebrado como feriado oficial do Estado (ADAM, 2005, p. 337). Hoje, cerca de 90% dos cidadãos de

Porto Alegre possuem ascendência europeia, e os judeus compreendem uma porcentagem maior da população de Porto Alegre do que os números correspondentes de judeus em São Paulo ou no Rio de Janeiro (IBGE, 2010, Tabela 2094).⁸

O clima temperado do estado e sua paisagem europeia provavelmente agradaram aos imigrantes. O forte apoio contínuo do Rio Grande do Sul em relação à separação entre Igreja e Estado também deve ter sido um consolo para os judeus e para os alemães protestantes. Por exemplo, em 1920, a delegação do Rio Grande do Sul no Congresso Nacional opôs-se a uma lei federal para constituir o dia 25 de dezembro como um feriado nacional (MORGAN, 1920, p. 3) e, em 1925, opôs-se a uma emenda constitucional que pretendia unir a Igreja Católica ao Governo Federal (FARRAND, 1925, p. 3).

Os imigrantes formaram uma sociedade próspera e orientada para a família. Ela se tornou a “capital de Estado mais representativa da classe média no Brasil” (VERISSIMO, 1954, p. 7). Não havia ostentação, mesmo quando a prosperidade de algumas famílias atingiu níveis significativos. Um empresário americano, residente na cidade em 1931, explicou que a Depressão quase não causou falências ao Rio Grande (em comparação o número alto de São Paulo) porque “o mercado de compras é sólido e conservador. Eles não comprarão mais do que podem pagar”. (JACOBSEN, 1931, p.4) A prosperidade foi sustentada pelas sólidas indústrias “autossustentáveis” que os imigrantes desenvolveram (JACOBSEN, 1931, p. 4). Em 1923, o cônsul americano advertiu o Departamento de Estado de que “não houve a oportunidade aqui para o comércio americano, pois há fabricação para suprir todas as necessidades locais” (BRADLEY, 1923, p. 8). Essa indústria agora abastece o mundo. Por exemplo, quase todos os sapatos e vinhos brasileiros exportados para os EUA e Europa são originá-

rios do Rio Grande do Sul, produtos de empresários imigrantes alemães e italianos. E foram os gaúchos que se certificaram de que os bens poderiam ser transportados, já que foram imigrantes alemães de Porto Alegre que fundaram a VARIG (Viação Aérea Rio-Grandense), a principal companhia aérea brasileira durante algumas décadas.

Os alemães se instalaram no Rio Grande do Sul desde 1824; e os italianos, desde 1875. Alguns judeus alemães chegaram a este estado na segunda metade do século XIX, mas o primeiro grande fluxo de judeus ao Estado começou com o estabelecimento da colônia de Philippson em 1904. Assim, pelo período descrito em *Numa clara manhã de abril*, aproximadamente 1913-1930, os judeus estavam presentes no Rio Grande do Sul havia poucos anos. Eles ainda não tinham tido tempo de construir os pontos de apoio financeiros que lhes permitiriam superar, ou aproveitar, os tempos tumultuados que aqueles anos abrangeriam.

“Durante a Primeira Guerra Mundial, o Brasil sofreu inflação, escassez e mudanças no mercado de capitais...” (LESSER, 1995, p. 18). Mas, no Rio Grande do Sul, também ocorreram outros tumultos econômicos. Ao longo da guerra em Porto Alegre, onde os de origem alemã possuíam muitas das empresas, milhares marcharam em manifestações antigermânicas. E esses negócios foram alvos de ataques quando as manifestações se tornaram violentas. Na verdade, pouco depois da família Iolovitch chegar a Porto Alegre, ocorreu a pior violência antigermânica: em 15 e 16 de abril de 1917, logo após o Brasil romper relações com a Alemanha, após o naufrágio de um navio brasileiro, os manifestantes queimaram e saquearam lojas em Porto Alegre. Eles também puseram fogo num quarteirão inteiro e dispararam armas de fogo contra os bondes, ferindo gravemente os passageiros. Manifestações violentas também

aconteceram em outros locais de grande população alemã no Rio Grande do Sul (LEE, 1917, p. 1).

Na década de 1920, o herói brasileiro Luís Carlos Prestes, carinhosamente chamado de “Cavaleiro da Esperança”, começou sua “Coluna Prestes”, a marcha de 25 mil milhas por dois anos e meio em todo o país, com revoltas no Rio Grande do Sul. Apesar de Prestes ter lutado em nome de um governo transparente e honesto e de um tratamento igual para todos, essas revoltas violentas levaram muitos ao caos e até fizeram com que a maioria dos colonos sobreviventes em Philippon e Quatro Irmãos se juntassem aos que anteriormente haviam se mudado para as cidades. (GUTFREIND, 2010, pp. 86-88)

Economicamente, as revoltas foram um desastre. Elas perturbaram os negócios e geraram desemprego urbano. O serviço ferroviário foi continuamente interrompido, de modo que bens e combustíveis muitas vezes não chegavam ao interior do Estado e, às vezes, ainda nem chegavam a Porto Alegre. Essa escassez trouxe inflação e aumentou consideravelmente o custo de vida. (HUBLEIN, 1926, p. 2)⁹

No interior do Estado, perto das áreas de combate, moradores, incluindo judeus, foram roubados, espancados, sequestrados e até assassinados. Santa Maria, a cidade para a qual a família Iolovitch se mudou depois de alguns anos em Porto Alegre e onde uma das primeiras sinagogas do Rio Grande do Sul foi construída em 1923, viu tanta luta que os moradores literalmente tiveram que se barricar em suas casas (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA, 1926, p. 2). Será que foi um desses combates que resultou no fogo que queimou a loja de um vizinho e causou o saqueamento da loja dos Iolovitch, levando o pai de Iolovitch a beber de novo? Talvez, mas, de qualquer forma, esse não era bem o momento nem o lugar para aqueles

que começavam com nada para acumular fundos com a intenção de se juntar às fileiras dos ricos.

Foi o que o pai de Iolovitch e muitos outros judeus descobriram. Eles não conheciam o idioma ou os costumes e os tempos eram difíceis. Conforme o relato de Iolovitch, eles escolheram primeiro ganhar a vida como vendedores ambulantes, porque essa ocupação “não demandava grande capital, nem conhecimento da língua” (IOLOVITCH, 1987, p. 45). Com o alto desemprego, fazia sentido que muitos clientes nem sequer tivessem os recursos para as mercadorias de baixo custo desses vendedores ambulantes. Em vista disso, esses empresários criativos vendiam a prazo com os registros de crédito gravados em suas cabeças.¹⁰ Assim que juntavam algum capital, abriam pequenas lojas vendendo roupas e uma linha geral de mercadorias. Mas a riqueza real não começaria a chegar aos judeus do Rio Grande do Sul até que os efeitos da depressão mundial e outra série de escaramuças com motivação política centradas no estado tivessem diminuído.

Iolovitch escreve sobre os primeiros anos, quando a sobrevivência se dava literalmente com o mínimo. Provavelmente, foi por isso que ele originalmente chamou esta história da imigração de *Os Deserdados* (IOLOVITCH, 2014). A família Iolovitch havia deixado uma existência modesta, mas confortável em Zagradowka, em troca de quê, eles se perguntaram, já que a morte, a pobreza e o alcoolismo os atormentavam.

Mas, como Iolovitch, quer prósperos quer lutando, os imigrantes do Rio Grande do Sul liam. Entre 1885 e 1916 foram fundadas 163 informativos e revistas em Porto Alegre. A circulação de jornais naquela época era tão alta como em cidades muito mais populosas do Rio de Janeiro e São Paulo (PENSAVENTO, 2002, página 291). Livrarias com obras em português e alemão floresciam. O Rio Grande é líder em alfabetização no Brasil

desde 1890. Em 1920, o nível de alfabetização atingiu 39% no Estado, em comparação com 30% em São Paulo e uma média nacional de 25% (LOVE, 1971, p. 130). Na verdade, Porto Alegre às vezes é chamada de Cidade dos Livros. A feira anual de livros, no seu 63º ano em 2017, atrai mais de 1,3 milhão de visitantes. (FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE, 2014)

O clima intelectual de Porto Alegre estimulou Iolovitch. Em *Numa clara manhã de abril*, ele descreve as intermináveis discussões na garagem onde ele habitou enquanto era estudante que “quase sempre girava em torno de livros importantes, autores e questões fundamentais da vida” (IOLOVITCH, 1987, p.199). É provável que tenha sido na Livraria do Globo que muitos desses livros foram comprados ou até mesmo lidos quando os recursos eram escassos. E foi a Livraria do Globo e seu apoio a novos escritores que deram a Iolovitch a chance de se tornar um autor publicado.

A Livraria do Globo, fundada em Porto Alegre em 1883, era um lugar de encontro para intelectuais, políticos e qualquer pessoa interessada em livros e ideias. (LEE, 1917, p.1) Também havia uma loja desta livraria em Santa Maria, onde Iolovitch e sua família viveram por muitos anos. A Livraria do Globo não apenas vendia as melhores traduções e autores brasileiros, ela também os produzia.

A Editora da Livraria do Globo tornou-se uma das melhores editoras do Brasil, produzindo obras de novos escritores norte-americanos, europeus e brasileiros. Sua equipe incluiu muitos imigrantes, judeus, alemães, italianos, uma verdadeira *petri dish* intelectual e multicultural. (FISCHER, 2008, p. 437) As traduções da Globo foram as melhores do país, publicando as traduções de Marcel Proust, Virginia Woolf, Thomas Mann, James Joyce e muitos outros famosos e grandes do mundo. Em 1933, por exemplo, a Globo publicou a primeira versão

em português do *Point Counter Point (Contraponto)*, de Aldous Huxley.

O espírito e a energia intelectual por trás da Editora Globo era o bom amigo de Iolovitch, Erico Verissimo, que trabalhou como diretor literário da Globo e que se tornou um dos escritores mais conhecidos do Brasil. Ele passou muitos anos nos Estados Unidos, onde continuou sua carreira de sucesso. Na década de 1940 e 1950, a Mcmillan publicou oito de seus livros, e, em 1957, seu romance *Noite* foi dramatizado na televisão nacional, estrelado por Jason Robards e E.G. Marshall (CANDIDA-SMITH, 2013, p. 170).

A Globo também publicou uma importante revista cultural, que contou com entrevistas exclusivas com Neruda e Sartre e na qual artigos de Iolovitch dividiam páginas com Ortega y Gasset, George Bernard Shaw e Luigi Pirandello.¹¹

Em 1932, a Livraria do Globo publicou o primeiro livro de Iolovitch *Eu e Tu*, uma série de poemas. Em 1940, a Globo publicou *Numa clara manhã de abril*, com o próprio Verissimo convencendo Iolovitch a mudar o título de *Deserdados* para *Numa clara manhã de abril*. O único outro livro de Iolovitch, *Preces Profanas*, também foi publicado pela Globo em 1949.

Hoje, as colônias do Barão Hirsch na América do Norte e do Sul estão fechadas, embora alguns imigrantes tenham permanecido naquelas terras. Os descendentes dos imigrantes patrocinados por Hirsch estão espalhados por todo o mundo e são empresários, profissionais e artistas respeitados.

No Brasil, as colônias de Philippson e Quatro Irmãos falharam, mas os imigrantes não. Seu sucesso permitiu que eles cumprissem o desejo do Barão Hirsch de “dar a uma parte dos meus correligionários a possibilidade de encontrar uma nova existência” (HIRSCH, 1891, p. 2). Quase todos os descendentes dos colonos brasileiros se tornaram

membros sólidos da classe média alta. Em 1992, cinquenta por cento dos judeus em Porto Alegre tinham uma casa de férias, e uma pesquisa, no mesmo ano, mostrou que, dos menores de 40 anos na comunidade judaica de Porto Alegre, 78% tinham formação universitária (BRUMER, 1994, p. 83). A título de comparação, já nos anos 2000, apenas 65% dos judeus nos EUA com idade inferior a 50 anos tinham formação universitária (MAZUR, 2007, p.8).

Alguns descendentes dos colonos atingiram níveis de sucesso que nunca haviam sonhado em Zagradowka. Os descendentes de um dos colonos de Quatro Irmãos, Gregório Ioschpe agora são os donos da Iochpe-Maxion, a maior produtora mundial de rodas de aço, com 32 fábricas em todo o mundo (IOCHPE-MAXION, 2014). Mauricio Sirotsky, que nasceu em Quatro Irmãos, fundou o grupo RBS, que possui o principal jornal em Porto Alegre, Zero Hora, além de 20 estações de TV, 24 estações de rádio e outros sete jornais (NAIDITCH, 2003; GRUPO RBS). A família Steinbruch, que hoje é a proprietária da maior empresa siderúrgica do Brasil, a CSN, com ativos de mais de US\$ 22 bilhões, bem como a maior empresa têxtil do Brasil e um banco importante, são descendentes de imigrantes que se instalaram na colônia de Philippson (CSN). Em Philippson, os irmãos Steinbruch eram os guardiões do rolo sagrado, a Torá. Abraham Steinbruch realizava o abate ritual de carne casher, bem como os ritos de circuncisão, casamentos e outras cerimônias (BACK, 1956, p. 323; SCLiar, 1991, p. 4). E Moacyr Scliar, um dos mais respeitados escritores judeus de sua geração, que chamou o romance de Iolovitch uma inspiração para a sua própria carreira em seu prefácio para a segunda edição de 1987 de *Numa clara manhã de abril*, era o filho de colonos de Quatro Irmãos (SCLiar, 1987, pp. 7-8). A própria família Iolovitch orgulha-se de ter muitos advogados e pro-

fissionais bem-sucedidos, que vivem na Europa e nos Estados Unidos, assim como no Brasil.

O Senhor abençoou Marcos Iolovitch, que faleceu em 1984, com os anos necessários para ver esses sucessos – ele sabia então que Verissimo havia feito a escolha certa. A história de Iolovitch não era a história dos deserdados. Era a história de um belo presságio, uma clara manhã de abril.

NOTAS

1 Este artigo foi traduzido e adaptado do *Afterwords* (Posfácio), da edição em inglês do livro *Numa clara manhã de abril*, de Marcos Iolovitch, traduzido do português por Merrie D. Blocker, que se encontra em fase de publicação. A tradução deste posfácio do inglês para o português e sua publicação na *WebMosaica* foram autorizadas pela autora, que colaborou na revisão de sua tradução.

2 A sedução da vida agrícola pode não ter sido o único fator a influenciar a decisão de Yossef de emigrar. Ele tinha sido abençoado com descendentes masculinos e as recentes mudanças nas leis da Rússia referentes ao recrutamento militar podem ter pesado consideravelmente em sua mente. Ele pode ter desejado tirá-los da Rússia antes que as mudanças fossem totalmente implementadas. Isso porque foi em 1912, apenas um ano antes da emigração da família Iolovitch, que a Duma russa aprovou um estatuto declarando que “um homem acima dos 15 anos não podia ‘renunciar à cidadania russa’, a menos que ele tivesse completado o serviço militar... [isso] claramente visava à emigração judaica” [uma vez que a renúncia à cidadania russa fazia parte do processo de emigração] (PETROVSKY-SHTERN, 2009, p. 245).

3 Naquele momento, Rothschild estava investindo a maior parte de seu dinheiro no desenvolvimento da Palestina.

4 Alimentos preparados de acordo com os preceitos judaicos.

5 Para informações adicionais sobre as comunidades do Barão Hirsch em Connecticut, ver McDannel, 2004 e Blocker, 2017.

6 *Minian* é o quórum de dez homens necessários para que as orações judaicas possam ser realizadas.

7 Para maiores descrições de Porto Alegre em 1916, ver Marcos, 2010-2015 e Pesavento, 2008, assim como fotos de Vaz, 2009.

8 Tabela 1. Porcentagem de judeus na população de algumas cidades brasileiras – 2010

Cidade	População total	Judeus	% de Judeus
Brasil	190,785,799	107,329	0,06
Porto Alegre	1,409,351	6,658	0,47
São Paulo	11,253,503	43,610	0,39
Rio de Janeiro	6,320,446	21,800	0,34
Curitiba	1,731,907	3,184	0,18
Belo Horizonte	2,375,151	1,384	0,06

IBGE. Censo demográfico de 2010 – Tabela 2094

9 Para aprofundar a discussão sobre as dificuldades econômicas provocadas pela violência e por conflitos políticos, ver Departamento de Estado dos Estados Unidos, *a e b*.

10 Em seu trabalho, Gill (2001) apresenta uma discussão aprofundada desses vendedores ambulantes judeus.

11 Ver Barcellos, 2002, Torresini, 1999 e PUCRS para maiores informações sobre a livraria, a revista e a editora Globo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Thomas. *Germany and the Americas: culture, politics, and history*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2005.

ALLEGRE, Ch. *Franz Philippson, banquier. 1871-1914*.

ULB, History Department, 1997-1998. Tese de doutorado, citada em HEUFFEL, Evelyne. "Philippson: uma colônia judaica singular?" *WebMosaica* 4 (2012): p.124, acessada em 04 de outubro de 2014. <http://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/37754/24362>

BACK, Leon. "Comunidades Judaicas" in *Enciclopédia Rio-Grandense*, editada por Klaus Becker, vol.4, pp. 323-333. Canoas: Editora Regional, 1956.

BARCELLOS, Marília de Araujo. "O editor Érico Veríssimo e a produção editorial da Globo", Paper presented in NP04 – The nucleus on research on publishing (Núcleo de Pesquisa Produção Editorial), *XXV Annual Congress on the Science of Communication* (Congresso Anual em Ciência da Comunicação), Salvador de Bahia, Brasil, 4-5 de setembro de 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/1382589/O_EDITOR_ÉRICO_VERÍSSIMO_E_A_PRODUÇÃO_EDITORIAL_DA_GLOBO. Acesso em: 21 de abril de 2015

BIDELEUX, Robert; JEFFRIES, Ian. *A History of Eastern Europe: Crisis and Change*. London: Routledge, 1998.

BLOCKER, Merrie. "Jewish Farmers in Connecticut" in *Thebaronhirschcommunity.org*, posted April 4, 2017. <https://thebaronhirschcommunity.org/category/usa/connecticut/>

BRADLEY, John R., Consul. "Some Comments on the Nationality, Number and Kinds of Business Houses in the State of Rio Grande do Sul", 27 de novembro de 1923. *National Archives II*, RG84/Stack350/Row 37 Porto Alegre, Brazil Consular Posts UD 691, vol. 6, p. 8. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

BRUMER, Anita. *Identidade em mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

CANDIDA-SMITH, Richard. "Érico Veríssimo, a Brazilian Cultural Ambassador in the United States", *Revista Tempo* 17, n. 3 (2013), pp.147-173. Disponível em: <http://history.berkeley.edu/sites/default/files/%C3%89rico%20Ver%20%C3%ADssimo%20A%20Brazilian%20Cultural%20Ambassador.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "Prefácio". In: FELDMAN, Marcos. *Memórias da Colônia de Quatro Irmãos*. São Paulo: Editora Maayanot, 2003.

CARVALHO FILHO, Irineu de; MONASTERIO, Leonardo. "How Bodo Became Brazilian: European Migration to Southern Brazil Before World War I". Paper presented at the Third Migration and Development Conference, Paris, France, September 10 - 11, 2010. Disponível em <http://www>

parisschoolofeconomics.eu/IMG/pdf/de_Carvalho_Filho_Monasterio_How_Bodo_Became_Brazilian__European_Migration_to_Southern_Brazil_Before_World_War.pdf. Acesso em: 6 de abril de 2015.

CASTLEMAN, Reginald, Consul. "Political report to the Embassy, Dec. 6, 1933". *National Archives II*, RG84/Stack350/Row 37 Porto Alegre, Brazil Consular Posts UD 691, vol. 7, class 800, p. 2. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

COSTA, Eimar Bones da; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo (eds.). *História Ilustrada do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Já Editores, 2015.

COSTA, Geraldino da. "Colônia Philippson" in WAINERG, Jacques (ed.). *100 Anos de Amor, a Imigração Judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, pp. 68-86.

COSTA, Lamartine da. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape Editora e Promoções Ltda., 2005.

CSN, Companhia Siderurgica Nacional. www.csn.com.br. Acesso em: 7 de julho de 2014.

CUNHA, Ernesto Antonio Lassance. *Rio Grande do Sul, Contribuição para o estudo de suas condições econômicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

DEKEL-CHEN, Jonathan. "Agriculture" in *The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*. 2010. Disponível em: <http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Agriculture><http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Agriculture>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

DENIS, Pierre. 1911. *Brazil*. Traduzido por Bernard Miall. London: T.F. Unwin, 1911. Disponível em <https://archive.org/details/brazilde00deniuoft>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

DIAS, José Roberto de Souza. *Caminhos de ferro do Rio Grande do Sul*. São Paulo-SP: Editora Rios, 1986.

DUBNOW, Semen M. "From the Accession of Nicholas II to the Present Day". In: *History of the Jews in Russia and Poland from the Earliest times to the Present Day, volume III*". Translated by I Friedlaender. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1920.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. "Partitions of Poland".

<https://www.britannica.com/event/Partitions-of-Poland>. Consulta em 18 de junho de 2017.

_____. Alexander I – Emperor of Russia, por Daria Olivier. Consulta em 18 de junho de 2017.

ENS, Gerhard. "Gerhard Lohrenz: His Life and Contributions" in *Mennonites in Russia 1788-1988: Essays in Honour of Gerhard Lohrenz*, edited by John Friesen, 1-10. Winnipeg: CMBC Publications, 1989.

EPP, Jacob D. *A Mennonite in Russia: the diaries of Jacob D. Epp, 1851-1880*. Traduzido por Harvey L. Dyck. Toronto: University of Toronto Press. 2013.

FARRAND, E. Kitchel, Vice- Consul. "Monthly report on Political Conditions for September, 1925 in the Porto Alegre Consular District, Oct. 3, 1925". *National Archives II* NAM519 (Internal Affairs of Brazil) roll 6, 832/540, p. 3. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

FEE, Fundação de Economia e Estatística do Governo do Estado Rio Grande do Sul. "Exportações segundo a Nomenclatura Comum do Mercosul (2013-2015)": Table 17. <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-das-exportacoes/serie-historica>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

FISCHER, Luis Augusto; BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (org.). "A era Erico e depois" in *História geral do Rio Grande do Sul*, Vol. 4, 427-435. Passo Fundo, RS: Méritos Editora, 2008.

FISHER, John R. *The economic aspects of Spanish imperialism in America, 1492-1810*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997.

FOLHA de São Paulo. "Ranking Universitário Folha 2016". <http://ruf.folha.uol.com.br/2016/ranking-de-universidades>. Acesso em 01 de maio de 2017.

FRIEDMAN, Evan, entrevista pessoal com o autor, março de 2014.

GILL, Lorena Almeida. *Clienteltchiks: os judeus de prestação em Pelotas (RS), 1920-1945*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2001

GRIMES, William, "Moacyr Scliar, 73, Brazilian Who Wrote of Jewish Identity". *The New York Times*, March 14, 2011.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração judaica no Rio Grande do*

Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1997.

GRUPO RBS. <http://www.gruporbs.com.br>. Acesso em: 2 de julho de 2014.

GUTFREIND, Ieda. "Imigração judaica no Rio Grande do Sul – Pogroms na terra gaúcha?" *WebMosaica*, 2 (2010) 84-91. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/15547>. Acesso em: 4 de outubro de 2014.

HIRSCH, Maurice. 1891. "My Views on Philanthropy". *North American Review* 153, no. 416 (July 1891) 1-4. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25102205>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

HUBLEIN, Fred E, American Vice- Consul. POA, "Letter to Ambassador Edwin Morgan, Dec. 6, 1926". *National Archives II*, RG84/Stack350/Row 37 Porto Alegre, Brazil Consular Posts UD 691 Vol. 53/800, p. 2. College Park, Maryland, U.S. National Archives.

HEUFFEL, Evelyne. "Philippson: uma colônia judaica singular?" *WebMosaica* 4 (2012) 121-147. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/37754/24362>. Acesso em: 4 de outubro de 2014.

IBGE, Brazilian Institute of Geography and Statistics. "Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião". *Censo Demográfico, 2010*. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=7&i=P&c=2094>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

_____. "Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios, das capitais - 1872/2010", *Sinopse Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

IOCHPE-MAXION. <http://www.iochpe.com.br>. Acesso em: 5 de junho de 2014.

ILOVITCH, Marcos. *Eu e Tu*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

_____. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

_____. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1987.

_____. *Preces Profanas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1949.

JACOBSEN, Alfred S. "State of Rio Grande do Sul, Report to U.S. Consul C. R. Nasmith, April 29, 1931". *National Archives II*, RG84/Stack350/Row 37 Porto Alegre, Brazil Consular Posts UD 691, vol 84/850, p. 4. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

JEFFERSON, Thomas. "Letter to John Jay. Aug. 23, 1785", Library of Congress, Washington, D.C. (DLC) Jefferson Quotes and Family Letters, Thomas Jefferson, Monticello' Disponível em: <http://tjrs.monticello.org/letter/69#X3184736>. Acesso em: 7 de maio de 2015.

KITTLESON, Roger A. *The Practice of Politics in Postcolonial Brazil, Porto Alegre, 1845-1895*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2006.

KLIER, John D. *Imperial Russia's Jewish Question, 1855-1881*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. "Porto Alegre." http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud_0002_0016_0_16006.html. Acesso em: 1 de maio de 2015.

LEE, Samuel, Consul. "Political Conditions in the State of Rio Grande do Sul, April 28, 1917". *National Archives II* NAM 519, roll 4 832/142, p. 1. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

LESSER, Jeff. *Pawns of the Powerful, Jewish Immigration to Brazil 1904-1945*. Tese de doutorado, New York University, 1989.

_____. *Jewish Colonization in Rio Grande Do Sul, 1904-1925*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da America Latina, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1991.

_____. *Welcoming the Undesirables, Brazil and the Jewish Question*. California: University of California Press, 1995.

_____. "Colonial Survival and Foreign Relations in

Rio Grande do Sul, Brazil: The Jewish Colonization Association Colony of Quatro Irmãos, 1904-1925".

In: *The Jewish Diaspora in Latin America*, edited by David Shenin and Lois Barr, pp. 143-160. New York: Garland Publishing, 1996.

LOHRENZ, Gerhard. "Zagradovka Mennonite Settlement (Kherson Oblast, Ukraine)", 1959. *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*. Disponível em: [http://gameo.org/index.php?title=Zagradovka_Mennonite_Settlement_\(Kherson_Oblast,_Ukraine\)&oldid=116340](http://gameo.org/index.php?title=Zagradovka_Mennonite_Settlement_(Kherson_Oblast,_Ukraine)&oldid=116340). Acesso em: 26 de novembro de 2014.

LOVE, Joseph L. *Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalism*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

MAKUCH, Andrii. "Mennonites" (originally published 1993). *Internet Encyclopedia of Ukraine*. Disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CM%5CE%5CMennonites.htm>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

MARCOS, Ronaldo B. *Porto Alegre, Uma História Fotográfica*. Disponível em: <http://ronaldofotografia.blogspot.com>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2015.

MAZUR, Allan. *A Statistical Portrait of American Jews into the 21st Century*. Syracuse: Garret, 2007. Disponível em: <http://faculty.maxwell.syr.edu/amazur/Jews.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

MCDANNELL, Colleen. *Picturing Faith*. New Haven: Yale University Press, 2004.

MORGAN, Ambassador Edward. "Letter to the Secretary of State on General Conditions of Brazil, Aug. 25, 1920". *National Archives II NAM519* (Internal Affairs of Brazil), roll 4/ 832.196 p. 3. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

NAIDITCH, Suzana. "A história da RBS". *Exame.com*, 13 de maio de 2011. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/a-historia-da-rbs-m0039798>. Acesso em: 1 de maio de 2017.

NORMAN, Theodore. *An outstretched arm: a history of the Jewish Colonization Association*. London: Routledge & K. Paul, 1985.

OLIVIER, Daria. "Alexander I – Emperor of Russia" in *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Alexander-I-emperor-of-Russia>.

[britannica.com/biography/Alexander-I-emperor-of-Russia](https://www.britannica.com/biography/Alexander-I-emperor-of-Russia). Consulta em: 18 de junho de 2017.

OULMONT, Philippe. *Pierre Denis, Français libre et citoyen du monde: entre Monnet et de Gaulle*. Paris: Nouveau Monde Editions, 2012.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade; visões literárias do Urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2002.

_____. "O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como romance" in BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (eds.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros* São Paulo: Editora UNESP, 2010, pp. 439-455.

PETROVSKY-SHTERN, Yohann. *Jews in the Russian Army, 1827-1917*. New York: Cambridge University Press, 2009.

FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE. E-mail executivo enviado à autora em 25 de agosto de 2014.

PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). "Revista do Globo." Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

ROSENTHAL, Herman. "May Laws". *Jewish Encyclopedia*, 1906. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/10508-may-laws>. Acesso em: 31 de março de 2017.

ROSENTHAL, Max. "Agricultural Colonies in the Argentine Republic (Argentina)". *The Jewish Encyclopedia*, 1906. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/905-agricultural-colonies-in-the-argentine-republic-argentina>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

ROZENBLUM, Serge-Allain. *Le Baron de Hirsch, Un financier au service de l'humanité*. Paris: Punctum Editions, 2006.

SCHEINA, Robert L. *Latin America's Wars: The age of the Caudillo, 1791-1899*. Washington, D.C.: Brassey's, Inc., 2003.

SCLIAR, Moacyr. "Prefácio". In: IOLOVITCH, Marcos. *Numa Clara Manhã de Abril*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1987, pp. 7-8.

_____. *Caminhos da Esperança/Pathways of Hope, The Jewish presence in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/ Riocell, 1991.

SLATTA, Richard W. *The cowboy encyclopedia*. Santa Barbara, Calif.: ABC-CLIO, 1994.

SLUTSKY, Yehuda. "Kherson". In: *Encyclopedia Judaica*, edited by Michael Berenbaum and Fred Skolnik, Vol. 12. 114-115. Detroit: Macmillan Reference USA, 2007. Disponível em: <http://go.galegroup.com/ps/i.do?id=GALE%7CCX2587511090&v=2.1&u=imcpl1111&it=r&p=GURL&sw=w&asid=ca1fc49aa46f611d0f61f0dd0b95ce75>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

TABUACH, Shimshon. "Agriculture" in *Encyclopaedia Judaica*, ed. Cecil Roth, pp. 404-415. Jerusalem: Ketter Publishing, 1972.

TORRESINI, Elizabeth W. R. *Editora Globo: Uma Aventura Editorial nos Anos 30 e 40*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. "Brazilian Immigration Regulations, 1907 Presidential Decree No. 6455 of April 19, 1907" in *Papers relating to the foreign relations of the United States / transmitted to Congress with the annual message of the President*. Washington: G.P.O., 1910.

_____. "Report on Rebellion of Federal Troops and Revolutionary Activities in the State of Rio Grande do Sul." *National Archives II* NAM 519 roll 7 832/607, Nov. 20, 1926, p. 2. College Park, Maryland: U.S. National Archives.

_____. "Monthly Reports on Political Condition in the Porto Alegre Consular District", (microfiche) *National Archives II* NAM 519 roll 5 832.302 (Sept. 4, 1923) p.2, 832/305 (Nov. 2, 1923) p. 2, *32/333 (April 1, 1924) p. 2-3; roll 6 832/432 (Sept. 1, 1924) p.2, 832/478 (Dec 1, 1924) p. 3, 832/487 (Jan 3, 1925) p.2-3, 832/495 (Feb. 2, 1925) p.2, 832/509, p.2, 832/540 (Oct. 3, 1925) p. 3, roll 7 - 832/592 (Sept. 3, 1926) p. 1, 832/617 (Jan 31, 1927) p. 4, 832/628 (May 7, 1927) (a)

_____. "Monthly reports on the Porto Alegre Consular Districts", *National Archives II*, (documents) RG84/Stack350/Row 37 Porto Alegre, Brazil Consular Posts UD 691, vol. 7, Aug.1,1924 pp. 2-3; vol.52, Feb. 5, 1926, p. 1. College Park, Maryland: U.S. National Archives. p. 3. College Park, Maryland: U.S. National Archives. (b)

VAZ, Tiago, 2009. *A fundação do Inter*. Porto Alegre entre 1901 e 1916. Disponível em: <http://www.supremaciacolorada.com/2008/12/ao-preo-fixo.html>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

VERISSIMO, Erico. *Lembrança de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1954.